

O HERALDO

Anúncios, comunicados e assinaturas

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS { Semestre, 70 centavos (700 réis)
 { Numero avulso, 4 centavos (40 réis)

Editor e Administrador—Lyster Franco

SEMENARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção, Administração, Composição e Impressão

TIPOGRAFIA DO HERALDO

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

O PROBLEMA FEMININO E A GUERRA

Quando no princípio da guerra dissemos neste mesmo jornal, que a questão feminina seria de todas a que mais havia de modificar-se com a transformação social que este conflito veio provocar, houve quem sorrisse incredulamente, tão acostumados estão os homens da nossa raça a achar insignificante o que diz respeito às mulheres, fóra da atmosfera trovadoresca dos versos de amor, ou da utilidade particular da família.

A dois anos de luta furibunda entre os povos que um ideal diverso, e uma diversa psicologia profundamente separam, vimos encontrar a noção da vida e da missão humana do sexo feminino completamente modificada.

Isto é: o que era dantes o ideal pouco compreendido e muito hostilizado de grandes espíritos percursoros como Ibsen, Bjornson, Maeterlinck, Marguerites, Finot, e outros, sem falar, é claro, nas mulheres, mais directas interessadas, passou a ser da compreensão de toda a gente e a ser aceite como facto normal que a necessidade justifica.

A acção das mulheres em todos os países em guerra é uma prova, que difficilmente se poderá iludir mais tarde, de que a humanidade é una; e tão erradamente anda quem pretende a superioridade do sexo masculino, como os que proclamam as maiores qualidades do feminino.

Ha virtudes e crimes humanos perante a natureza; virtudes e crimes sexuais só os criou o homem pela complicação das suas leis, costumes e preconceitos que bem fóra da Natureza andam.

A guerra, a grande despertadora de energias dormentes, a grande purificadora dos sentimentos humanos, trouxe, mais esta verdade á plena luz da consciencia moderna.

A mulher, seja qual fór a sua raça, eleva-se hoje aos olhos extasiados do homem, que se tornou pelo sofrimento mais seu irmão, mais seu igual para a dura caminhada do futuro.

Se ha—como cremos—um grande principio de justiça imanente na inconsciencia das coisas, essa justiça bateu a sua hora para a mulher da civilização europeia.

Nós vemos hoje que as mulheres que pediam direitos, e aquelas mesmas que os pediam, por ignorancia ou indiferença perante o conflito social que individualmente as não atingia, levantaram-se em França num impulso de beleza estética e sentimental, que comoveu os mais duros inimigos da nossa causa. Vemos as italianas com a segurança e a calma de quem nunca duvidou do triunfo para a sua raça. Vemos as russas, ainda ontem as enigmáticas revolucionarias das escolas, as

mães entristecidas dum povo que anseia pela libertação, baterem-se algumas ao lado dos homens e avançarem trabalhando para o triunfo, como souberam sofrer e resignar-se na retirada.

As belgas, as sérvias e as polacas, mostram com orgulho o peito rasgado e os corações sangrando pelas Patrias esmagadas.

Mais tarde, justiça ha de ser feita, decerto, á acção da mulher dos países inimigos e da qual hoje pouco sabemos... e que soubermos, humano seria que as não louvassemos num auxilio que redúnda num prejuizo da causa que defendemos e que os seus homens ameaçaram com uma ferocidade barbara.

Nós, portugueses, pouco temos feito, mas esse pouco representa imenso se atendermos á educação e ao meio, se atendermos ainda mais a que a guerra é para nós um esforço consciente de orgulho e amor patrio e não uma catastrophe para que fossemos impelidos com a violencia dos grandes choques inesperados.

Mas de todas as mulheres dos países beligerantes numa só raça elas se mostram preparadas para esta conflagração social em que a metade da humanidade, até aqui relegada á inferiorisação nos logares publicos, e a uma hipocrita soberania galante: é na raça inglesa.

A mulher na Inglaterra muito serenamente e muito conscientemente tomou em todos os serviços o lugar dos homens que iam rareando e fê-lo com uma perfeita compreensão de quem sabe cumprir o seu destino.

Depois desta guerra a Inglaterra, mesmo que não aumente um palmo de terra ao seu vastissimo imperio, será bem maior pela grandeza moral com que soube defender os seus interesses, ligando-os aos sagrados interesses duma civilização ameaçada, e bem maior ainda pela entrada da mulher, com valor positivo e util, na sua vida social. O equilibrio que podia romper-se pela saída de tantos homens, alguns que não mais voltarão, de trabalho produtivo, estabelece-se muito bem com a entrada das mulheres que os substituem sem inferiorisação, ou diminuição no trabalho produzido.

Será seguido neste ponto o exemplo da Inglaterra? Parece-nos que sim; pelo menos até ao ponto em que as mulheres dos outros países provem que estão resolvidas a caminhar pela via por elas largamente desbravada.

Ana de Castro Osorio.

Crónica citadina

A SEMANA...

Passou despercebido o Entrudo. Se descontarmos a meia dúzia de catirras de vários sexos, que por esses clubs e sociedades se causaram gastando as solas em honra do velho Momo, ninguém lhe deu importância de maior.

Foi-se o carnaval e parece que nos levou a murrinhenta chuva que tanto já fatigava pelo excesso! Ainda bem!

Vieram os dias claros, de bom sol, os dias alegres, especialmente dedicados aos felizes e incitantes aos doces prazeres da vida risoiha e despreocupada.

As arvores começaram a usar das suas festivas toletes de verão e já pelos jardins, aqui e além, nos alegria os olhos o casto sorriso das flores.

Tem sido lindos e quentes os ultimos dias e a semana citadina bem poderia chamar-se luminosa se não houvesse a entenebrece-la a morte do infeliz Manuel Antonio Ferreira, aluno numero 13 da Escola de Marinheiros do Sul.

Numero 13! O numero fatidico por excelencia!

O pobre, cedendo á fascinação das aguas, sentiu que para elas o impelia a tepidez morna, de quinta-feira, e sem lembrar-se de que actuava sobre ele a daninha maldade do numero 13, foi nadando excitado, até que á corrente, o arrastou para longe da terra onde só cadaver devia regressar.

Pobre moço! Infeliz rapaz!... O corpo transportaram-no com todas as honras militares para o cemiterio da Esperança, que lindo nome!—mas o espirito, esse ficou pairando, errante, sobre o marulhar alteroso das ondas, confundido, talvez, com os eternos canticos das irrequietas seréas glaucas, de cabelos de espuma.

LYSTER FRANCO.

Francisco de Paula Mendonça

Faleceu no dia 19 em Estoi, o sr. Francisco de Paula Mendonça, abastado proprietario e bemquisto cavalheiro daquella localidade, onde gosava as maiores sympathias, conquistadas pelo seu belo caracter e fino trato.

Chefe do antigo partido regenerador em Estoi, dispôs de uma grande força eleitoral, que utilisava para obter melhoramentos para aquella aldeia, onde a sua memoria será sempre respeitada e evocada com a maior saudade.

O seu funeral revestiu a maior imponencia, tendo comparecido pessoas de todas as classes sociais e sendo geral o sentimento por tão infausto successo.

O sr. Lyster Franco, que muito prezava a amizade venerando ancião, não pdeu acompanhá-lo á sua ultima morada, em consequencia do seu precário estado de saúde.

A sua desolada viuva e a seus filhos a mais sentida expressão do nosso pesar.

Antonio de Abreu Marques

Faleceu em Lisboa, no dia 12, o sr. Antonio de Abreu Marques, irmão do nosso presado amigo e illustre escritor sr. Francisco de Paula Abreu Marques. A familia enlutada as nossas condolencias.

A GUERRA

Os soldados portugueses em França

O brilhante jornalista, sr. Adelinio Mendes, que a CAPITAL enviou para França, para de perto acompanhar as operações do corpo expedicionario português, traduz as

Novidades literarias

MEMORIA

do
 1.º Congresso das Obras Catolicas do Algarve em homenagem ao Senhor D. Francisco Gomes do Avelar—no 1.º centenario do seu falecimento 1816—1916

celebrado em Faro nos dias 8, 9, 10 e 11 de Fevereiro de 1916.

Um volume em grande formato, contendo todos os discursos proferidos no Congresso, um relato minucioso de todos os actos do mesmo, relatorios das diferentes associações de instrução, piedade e caridade estabelecidas no Algarve, e uma estatística de todo o movimento religioso da Diocese, acompanhado de uma esplendida foto gravura de D. Francisco Gomes e um mappa topografico da diocese e provincia do Algarve.

Vende-se ao preço de esc. 1\$50 na Tipografia «União»—Rua Tenente Valladin—Faro—e nas Livrarias da cidade.

sim numa das suas ultimas crónicas o sentir dum official inglês acerca dos nossos soldados na ocasião do seu desembarque num porto de França:

«A tarde largaram dois comboios. Na hora da partida, os vivas irromperam estrepitosos e sem conta. Vivas á Patria, vivas á França, vivas á Republica. Foi um consolador momento esse.

Bem podem aqueles que o presenciaram incluí-lo no numero daqueles que não se esquecem nunca...

A noite, a um major inglês que fez em Lisboa uma larga permanencia e que me fala de individuos que na politica monarquica tiveram grande preponderancia, com os quais conviveu, perguntei que impressão lhe tinham deixado os nossos soldados.

—Excelente. E gente desempenada, rija, alegre, capaz de grandes esforços em favor da causa sagrada que os aliados defendem.

Acho-os até mais robusto do que me seria dado supor.—São tropas escolhidas? —Não senhor. São apenas soldados que a primeira mobilisação apanhou, sem outra solução que não fosse a que os regulamentos militares impõem no acto do recrutamento. E julgo que não irão estranhar profundamente a sua nova situação.

—Tambem o creio. Está tudo preparado para os receber.

E quando os ingleses preparam qualquer coisa, sabe-se bem que cuidado eles põem em tudo quanto sai da sua intelligencia, do seu bom senso e do seu espirito pratico.

Na frente no sector que vai ocupar depois de sofrer a necessaria preparação sur place, a Legião Portuguesa será tratada como se fosse uma parcela do grande exercito britânico.

Dito isto, está dito tudo.»

Dr. Antonio José de Almeida

Está annunciada para hoje a visita do sr. Dr. Antonio José de Almeida a esta cidade.

A hora

Segundo um decreto ultimamente publicado pelo «Diário do Governo», a hora a principiar em 1 de Março e a terminar em 31 de Outubro, será adiantada 60 minutos.

A comissão de inventos de guerra, da Academia de Sciencias de Portugal, representada pelos srs. general Fausto Guedes Dias, capitães de fragata Ramos da Costa e Isaías Dias Newton, dr. Antonio Cabreira, dr. Santos Lucas, Melo e Simas e tenente Arur Nunes, deu parecer favoravel a um aparelho inventado pelo sr. Rocha Carvalho, destinado á guerra maritima.

O parecer, redigido pelo general sr. Guedes, vai ser enviado ao ministerio da marinha.

O Poeta João Penha

—E que tal? diria o Padre eterno.
 —Unico!
 —Quem é o auctor?
 —Victor Hugo!
 —Pois olha, explicaria desvanecido o Juiz Supremo, esse rapaz é meu filho.
 —E ainda ha, tornaria eu, quem diga que os filhos não são mais intelligentes que os pais!

O Homem do Gaz retirava para a sombra, meditando.

Ah quando este hum gigante do Homem do Gaz viu numa triste hora o destino separar todos estes rapazes, tão cheios de entusiasmo, de alegria e de jovialidade, quando os viu partir para a magistratura, para o magisterio, para a politica, para a vida da familia, deixou-se vencer de uma grande melancolia; e passado um ano depois da dispersão do convulso, caiu na cama, e reventou... de saudades.

Dois dias depois escrevia-nos João Penha, de Braga e envia-nos o seguinte:

EPITAFIO

Elle aqui jaz, aqui jaz,
 Nesta humilde campa fria
 O nosso velho rapaz!
 Deus em sua gloria o toba!
 Era ele quem acendia
 Inspirações em João Penha!
 Deus em sua gloria o toba!
 Nesta humilde campa fria
 Elle aqui jaz, aqui jaz!

O restaurante do Conselheiro Rodrigo, era no calis das Ameias, num barracão espanoso e ameaçando ruina. Frequentavam-no com grande assiduidade Teófilo Braga, Vasconcelos Abreu, um investigador erudito, Augusto Sarmento, autor do Contos do Sotão, Adalino das Neves, o colecionador das Canções Populares, varios leites e professores, o dr. Inácio—um operador dislucisimo, etc., etc.

Conselheiro lhe chamavamos nós porque nunca se viu face mais anstera, autoritaria e sisuda em taberneiro. Nunca desmanchava a sua gravidade: poucas vezes dizia somente as palavras precisas, menos a João Penha, com quem desahallava a respeito da pouca vergonha que ia por esse mundo, e de quem apreciava os chistes e os versos, a ponto de ter á cabeceira da cama, numa rica moldura, o soneto que o poeta lhe oferecera no seu aniversario.

Tinha frequentado o primeiro ano de teologia, fóra negociante, falava humramente, e para sustentar a numerosa familia começou a dar de celar aos estudantes.

Eram baralhistas essas coisas, e de um sabor delicioso sobre tudo no tempo da lampreia.

O Conselheiro tinha a veia, a especialidade, o que se chama dedo, para o preparo dessa ignaria. Ninguém a fazia melhor em Coimbra, nem no Cardo, nem no Castelo nem no Pazo do Conde, e mais era Pazo do Conde a primaz, em antiguidade, das hospedarias combricenses.

Depois das onze da noite entravam na tasca do Conselheiro vultos embuçados, misteriosos, com paço subtil e leve.

Uma noite vimos ali entrar um homem como uma torre, um pedaço de um homem... João Penha e nós fomos-lhes na piguada.

—Que novo fraguez é esse? perguntou o poeta ao Conselheiro. Em Coimbra só conheço dois homens dessa grandeza—o dr. Mamede e o Bispo-Conde. Qual deles é? Guardo segredo.

—Dou-lhe a minha palavra que não é o doutor...

—Logo, atalhou João Penha...

—Inda que adivinhe, não digo quem é, tornou o Rodrigo com uma dignidade antiga.

E João Penha voltando-se para nós:

—Mas! a Igreja também concorre.

Foi ali que se deu o seguinte caso: Numa bela vespera de feriado dirigiamos nós e João Penha para o barracão do Conselheiro. O caos deserto, o Mondego de uma formosura incomparavel, o luar de indolencia. Vamos a penetrar... quando damos de frente com um embuçado...

Era Marcel Pacheco.

Que inveja eu vos tenho! murmurou melancolicamente o triste.

—Porque não vos comeste? disse-nos.

—Impossível: devo duas ceias ao Conselheiro, e estamos no fim do mês.
—E' horrível... mas inda' agora reparo, notou João Penha, com essa bela barba, que deixaste crescer, és um anfitrião completo, e depois essa capa, e esse chapéu de zabado... sabes tu por acaso falar espanhol?

—Essa pergunta a um filho de Loulé!
—Nesse caso, anda! Apresentar-te-hemos como um espanhol, que nós veio recomendado por D. Benigno Martinez, e que deseja estudar costumes...

Entramos os três, Marçal, com o chapéu sobre os olhos, e enfiado até aos varizes, para tornar mais característico o seu papel, expectorava, de quando em quando, pelo corredor, com gestos fadadíssimos:
—Vaya de brama! Y adelante! Vaya de brama!

O Conselheiro entrou no cubículo, onde ninguém penetrava: senão depois da saída de João Penha, e curvado, com os dedos firmados na parede:
—O que desejam?

João Penha, que estava de pé, aproximou-se do Conselheiro:
—E' um espanhol, disse baixo apontando para Marçal.

Queremos regala-lo, recomendo apuro. Rodrigo obteve para o estrangeiro o compromisso de com grande respeito.
—E o que temos hoje? perguntou em voz alta João Penha.

—Oros melindros com miolos, creio eu, e lampreta, respondeu o Conselheiro.

João Penha voltou-se para o cavalheiro espanhol:
—Tenemos para cenar sapos com uivos reueltos, conéjo guisado, y um peixe que nos outros llamamos lamprea, que le gusta usted mas? perguntou João Penha ao cavalheiro espanhol, com todo o castelhano que sabia.

Para mim tengo una decidida preferéncia para... lo todo!, respondeu, laconicamente e com a mais correcta pronúncia castelhana, o cavalheiro das Espanhas sempre embuçado, e com o chapéu cada vez mais enfiado sobre os olhos...

O Conselheiro trazia os pratos, e saia logo, e quando sómente quando era chamado; foi o que valeu a Marçal, que nesses intervalos se desenhava para comer, como um botocudo esfaimado.

Acabada a ceia, e quando lamos já perto da porta:
—O sr. João Penha, dá-me uma palavrinha? disse afavelmente o Conselheiro Rodrigo.

Marçal que estava perto da porta galgou de um salto as escadas, e enfiou-se no decão.

Aproximamo-nos.
—Digam-me uma coisa, perguntou o Conselheiro, com uma gravidade de um comico impagável, aquele cavalheiro espanhol não é... sr. Marçal Pacheco?

Com mil bombas! Não respondemos nem uma nem duas; o caso foi tal, que fomos pelo corredor fora, de gatas, a rir, significando...

O Conselheiro um dia fechou a portinhola da "cidade" baixa chorou um grande choro, como na Biblia: O Conselheiro abriu depois um estanco, mas os freguezes, que andavam a lampreta, não vieram ao encontro, porque a loja estivesse num sitio fora de mão, ou porque os charutos fossem maus; mas os bons, Rodrigo, como não viessem freguezes, foi fumando, fumando neles, deu um a loja em vasa-barris, e quebrou pela segunda vez. Que triste fim o deste Conselheiro!

Restou a fôr da Camêra. O Musa inspirou-me a taberna da tia Maria Camêra era na cidade alta, e existia na rua, que se rasga ante a porta ferrea do edificio da Universidade.

Dentro daquela locanda não cabiam a vontade de pessoas; e confuso era tão frequentada, tão apeteida, tanta nomeada adquiriram as sabonosas postas de savel frito pela tia Maria, e as belas enguias, que ali se preparavam, que em certas noites parecia ter havido incendio em alguma das aquelas casas, tal era a multidão amolhada das serventes e dos estudantes, que faziam bicha á porta, á espera que lhes chegasse a vez.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

Continúa.

FUTURISMO

GENTE NOVA

AS HORAS

A Nesso

Tim! Tim! Tim! Falam Relógios
Suas carcassas de engrenagem
São cosmógrafos de milagres
Hipóstatos de néctares.

Tim! Tim! Tim! Falam Relógios.

Monstro de Bruma, a Hora Triste,
Arde nas Almas, alucinante,
Decorrem séculos num só Instante,
E a Morte passa, de fúca em riste,
Monstro de Bruma, a Hora Triste!

Libelinha Azul, a Hora Feliz
Voa no ar, feita Esplendor,
Ressoa em hinos de Paz e Amor,
Chóquas de sedas, lindo matiz!
Libelinha Azul, a Hora Feliz!

Vem a Hora-Aguia, Luz triunfante
Florindo aromas pelas cogoulas,
Alastram no céu rubras papoulas,
Flôcos de espuma fumegante!
Vem a Hora-Aguia, Luz triunfante!

Branco Rochêdo, a Hora da Morte
Cai sobre Nós, tudo a esmagar:
São mil castelos a desabar!
Cortam as Parcas o fio da Sorte!
Branco Rochêdo, a Hora da Morte!

Mas chega a Hora auri-luzente,
A Hora de Sonha Libertação;
Funde-se a Carne em podridão,
Ascende o Espírito resplandecente,
E chega a Hora auri-luzente!

Vaga harmonia, de selva em selva
Perfume errante de um jardim
Corre em Paris, Nova York, Pekim!
Difunde sons por toda a Terra
Vaga harmonia, de selva em selva!

Falam Relógios: Tim! Tim!... Tim!
Vozes Eternas! Ecos sem fim...
Brados de Sonho, brando semim!
Canticos de oiro, Sangue-Rubim!
Falam Relógios: Tim! Tim!... Tim!
Tim!... Tim!... Tim!... Tim!
Tim!... Tim!... Tim!... Tim!
Tim!... Tim!... Tim!... Tim!

Porto, Fevereiro, 1917.

VIVINO

Mário de Sá Carneiro

Sentir, ser a Alma, a lra onde o sentimento, dedilha em vagos Sons—harmonia as Tristezas—moles ou o Ideal-loz; fazer das diversas combinações dum alfabeto palavras-pensamentos, orações-melodias; ser-se escritor na forma, mas musico na alma; Cantar em estrofes-ouro a Poesia Ideal, eis o que é Mário de Sá Carneiro.

A sua forma tomboou. Foi a enterrar-se por uma dessas manhãs loiras de Paris.

A Alma essa triumphou-se. Habita, em tudo, que tem som, em tudo, quanto canta. Matou-se, mas não foi um vencido, venceu-se. A musica não é a partitura onde figuram as notas, é a mil e uma vibrações que, como chuva de oiro, nos embriagam os sentidos, nos fretem a alma.

Esse moderno Gigante talhado em colações perturbadoras, quiz ser coerente até na morte.

Quando o Artista, em arroubos de luz, proclamava do alto do seu Ideal que a morte era a libertação dessa coisa mesquinha, a materia, algumas vezes, risos sem cor, respondiam ás suas palavras. AH! como esses mesmos, como esses cerebros sem substancia, devem hoje reconhecer o seu erro!

E quem sabe (?), nem talvez que o arrependimento tivesse vindo até eles.

Para muitos, o arreperder-se é já uma manifestação da alma, e duvido que eles a tenham.

A sua voluntaria morte não foi só coerencia. Mário estava demasiadamente acima dos que lhe chamavam doido, para que pertendesse responder-lhes com os factos.

Desgraçadamente foi preciso que Mário de Sá Carneiro transpозesse o portal para além do qual tudo é Misterio, para que se lhe fizesse justiça, para que ao reduzi-do numero dos seus admiradores de sempre, se viesse juntar o culto dos que só tiveram labios para sorrir.

Mário foi logo de principio um requintado Cantor das Melodias da Alma.

A sua obra á está a atestar o seu Génio. Nãba d'elle se compreenderá se o não soubermos sentir. Ele está tão estreitamente ligado ás suas produções que, em cada verso, em cada bocão da sua prosa quente de Ideal, está preso um farrapo da sua Alma.

Se lêrdes toda a sua Obra, se o souberdes interpretar, á medida que a fôrdes passando em revista, haveis de sentir, como eu sinto, e como um sonho vago e

dourado, os costumes do seu espirito de musico, dando vida, aos poucos, áqueles caracteres negros que a mão, hoje enerte, traçou.

E' a Alma do Mário que, como sempre, se levanta em té na sua Obra e nos vem murmurar, muito de manso, sinfonias da luz, canticos de irrial.

A Alma de Sá Carneiro, é o cadinho onde a vida prosaica e material se destila em sentenças de Poesia e de Sentimento.

Os seus livros foram aqui lidos:

Alô contacto dos nossos corações inda exuberantes desse fogo mourisco, que nos circula nas artérias, as nossas almas vibraram em unisóno com a do grande Artista, o perfume antigo das suas estrofes acordaram os ecos do nosso sentimento e então, um punhado de modestos artistas pela Alma, juntou-se á volta do Astro-Rei para melhor poder receber o calor que brota de lá a jorras.

Balbuçamos a principio não porque tivéssemos receio das opiniões da outra gente, mas sim porque o nosso culto pela Obra de Sá Carneiro, embora grande, não tinha ainda atingido a maturação necessaria, porque a Luz que dela irradiava, era demasiadamente intensa para nós, pobres espiritos, pouco affectos ás colações astrais.

Alô traçar estas desconchavadas linhas, as ensaiar estes hesitantes passos arreccionados de nada de dizer do Mestre que me lenece a coragem para continuar. As nossas almas só sabem curvar—e humildes e respeitadas perante essa Outra que é tão Grande, tão Ideal e tão Nobre que só ao de leve a compreendemos.

O nosso respeito pelo querido Morto é tão concreto, que só nos é dado ajoelhar ante a sua sepultura e reter no coração o fogo irrial que ella nos emprestou.

Barro, 18-2-917.

José Nunes de Sousa.

POR ESSE MUNDO

A Memoria

Aponiam-se exemplos de memoria extraordinariamente admiráveis. De entre os mais famosos, sobre-tem:

«Cachoeira», celebré orientalista, bibliotecário de Frederico da Prussia, que, depois de ouvir ler 50 versos, os repetia seguidamente sem errar;

«Gassendi», filósofo e astrónomo francês, que em trez dias aprendeu de cor seis mil versos latinos;

«Seneca», filósofo latino, precursor de Nero, que repetiu doze mil vocabulos, na ordem exata, por que os ouvia pronunciar;

«Tyon», actor inglês, que repetiu sem hesitar um momento, duas paginas do jornal «O Daily Advertiser»;

«Thompson», engenheiro saxão, que em 22 horas desenhou de memoria uma planta de todos os arredores de Westminster;

«Sanderson», que repetia todas as odes de Horacio.

A fome

O «Daily Mail» recebeu correspondencia de «Colonia» com a indistincta impressão de que em breve a Alemanha estará incapaz de prosseguir na luta, a não ser que invada a Dinamarca e a Holanda para aí encontrar carne, trigo, manteiga e azeite. Só há leite para as crianças, porque aquele liquido é transformado em glicerina para o fabrico de explosivos.

O povo sofre fome, ao passo que os ricos nada falta, o que causa conflitos.

Um corsario alemão

No ministerio da marinha recebeu-se um telegrama comunicando que o vapor americano «Borsinguen» recolhera a tripulação do vapor norueguês «Berginhan», que foi torpedeado por um submarino alemão no dia 10 do corrente, na latitude norte 48.55 e longitude oeste 11.15.

Por telegrama recebido em Lisboa consta que um corsario alemão armado com 12 peças e 4 tubos lança torpedos, tem afundado grande numero de navios no Atlantico, entre os quais os francezes «Nantes» e «Ansiéres» e os ingleses «Radovoshire», «Damostrot», «Hamosiemers», etc.

Diz o mesmo telegrama que aportou ao Recife, Brazil, o vapor japonês «Hudsonmarou», com 237 naufragos de varios vapores francezes e ingleses afundados pelo corsario.

Diz ainda o telegrama que o corsario «Moem» apresou outro navio, que transformou em pirata.

Automobilismo

Veja-se, na secção competente, o anuncio da importante Casa Santos, Limitada, Lisboa.

BELAS-LETRAS

Antologia do Algarve

POESIA

FLOR DO CHÃO

Em versos espalhei o coração
cheio do meu occulto amor por ti,
e ele encheu o céu, aonde o ergui,
disperso em astros pela minha mão...

Via-lactea a florir toda amplidão,
nunca nêlo os teus olhos puros vi;
ou se o filaste alguma vez senti
que fosse cega para o seu clarão...

Meu coração, enfim! ei-lo vencido...
Hoje teus passos seguem ermo e perdido,
enquanto vais sorrindo entre canlares...

De rastos e a rasgar-se em cada espinho,
êle é uma flor de sangue em teu caminho,
—flor do chão, que tu pisas sem a olhares...

BERNARDO DE PASSOS.

PROSA

HISTORIAS INSÓLITAS

CINZAS...

Veio o sol alegrar a terra com seus esplendores. Paira no ar um aroma vivificante de flores novas; as aves iniciam seus canticos ainda melancolicos por traduzirem a ansia, que as alanceia, de saudarem a Primavera.

A Tristezza e a Saudade, duas amigas fidelissimas que jamais me desamparam, aconselharam-me a ler o manuscrito de Alberto.

Obedeci-lhes sem saber resistir a tentação de transcrever para aqui a carta que segue:

«Silvina»

Nem sei que responder-te, tão descontraídos são os pensamentos que as tuas palavras fazem tumultuar no meu pobre cerebro.

Parece-me estar a ouvir-te e nada mais grato do que escutar deliciado a musica encantadora de uma voz terna e apaixonada, que, confidenciando-nos maguas e alegrias, nos enfeita ao ponto de nos fazer esquecer a nossa misera condição de mortaes, iludindo-nos na creença de que, tornados espiritos puros, pairamos na luminosa mansão do Ideal, libertos afinal das impurezas do cárdel mundano.

Sonho?

Belo sonhar este que, agitando docemente a minha fantasia, se compraz em transportar-me ao passado, dando-me a illusão de reviver aqueles felizes momentos que a desdita inexoravel tão rapidamente destruiu.

Falás-me de amor «espiritual»?

Não sei de frase que mais encantos encerre; é atentando na sua magia que me parece atingir a explicação da força misteriosa com que conseguiste prender de novo o meu pensamento, eu que a mim proprio prometera «esquecer-te».

Perguntas-me o que senti quando me fugiste...

Se eu soubesse traduzir fielmente as minhas impressões mais fortes, tentaria sijn, descrever-te o poema de luto, que foi para o meu coração esse despedir-se da linda ingrata que jurara amar-me eternamente—jurás em bocas lindas!—e que em tão breve tempo esqueceu juras e promessas...

O sol não occaso deslumbra. Nunca a minha Musa de outrora me pareceu tão encantadora.

A mantilha, emoldurando-lhe o rosto gracioso, sombreava-lhe os olhos glaucos que, naquela tenue obscuridade de sonho, tinham lampejos indefiníveis, metálicos, lembrando toda a absorvente atracção das aguas do mar, entrevistas nesses momentos do misterio que nossos espiritos sedentos de Ideal buscavam por toda a parte...

Conservo inolvidavel em meu espirito essa lembrança de um instante pleno de emotivos encantos, assim como, antes, ficara, resistindo lentamente ao esfumar das minhas recordações, a visão deliciosa de um busto encantador, cujo seio de mármore vivo eu e o luar beijamos, nu-

ma noite saudosa, em apaixonado delirio.

Lembras-te?

Confesso-te que uma extranha curiosidade me perturbou quando me disseste que te haviam ofertado um livro muito interessante.

Tal curiosidade aumentou quando, maliciosa, quizesse mostrar-me a dedicatória.

A principio julguei tratar-se de um livro em que qualque admirador dos teus encantos houvesse floreado algum madrigal gentil.

Foi por isso que me opuz a que logo o desembrulhasse; nem queria velar a tua amada.

Para mim, quando essa cortice reveste, pelo menos em apparencia, a pretensão de dirigir-se á intelligéncia, exteriorisando-se em dedicatorias de livros, de poesias ou trechos de prosa, entendo que duplica o seu valor lisongeante e mais me punje.

Mas o teu supposto livro, tão candidamente envolto, no papel roxo em que o resguardavas, aquele bouquet de amores perfeitos de que depois me disseste a significação, aquele faço de crepe, acentuando a nota lúubosa, que nem o filho de seda verde atenuava com a sua corberante, impressionou-me muito, confesso.

Hesitei em abri-lo?

Como não havia de proceder assim, dominado como estava pelo receio de encontrar na primeira pagina alguma frase acusando a intenção de se lisongear e que mais me fizesse sofrer?

Não rias desta referencia a um sofrimento que talvez te pareça pueril, agora que o nosso amor já morreu. Trata-se de um sofrimento espiritual inextinguível em crueza.

Por isso eu hesitava em perscrutar o misterio. Dominava-me em terror místico e áquele livro foi para mim; durante alguns instantes, uma verdadeira bocêta de Pandora!

Mas foi uma deliciosa surpresa quando, finalmente, vi que o teu livro era todo constituído pelas minhas cartas, pelas cartas que outrora te escrevi e que são a historia vibrante do nosso affecto mortal.

Lisongeira! Que bôa Fada te segredou essa lembrança que é, afinal, mais um requinte do teu espirito amoroso?

Mas queres, então, conservar esses papeis já hoje completamente inúteis para ti e que tu propria denominaste «Cartas de um morto»?

Que designio te leva a uma tal obstinação?

Agradeço-te, cre, o apreço que das a

Novidade das literarias

Nas trincheiras

(Fortificação e combate) pelo capitão Mousinho de Albuquerque e tenente S. Casimiro. Preço 25 centavos.

A venda na Havanza de Miguel Neves—Faro.

REMÉDIO FRANCEZ
o mais antigo conhecido contra a
PRISÃO DE VENTRE
INVENTADO em 1808
VERDADEIROS
Grãos de Saúde
do Dr Franck
(VÉRITABLES GRAINS de SANTÉ du Dr FRANCK)
Em todas as Pharmacias e Droguarias
DEPOSITARIO:
J. DELIGANT, 15, Rua dos Bapatelões, LISBOA

esses pedaços de papel, cinzas
essas miúdas extinguidas, mas peço-te que
reflitas na inconveniência de conservar-las
por mais tempo.

Bem sabes que podem cair em mãos
extranhas e servirem de pasto á curiosi-
dade ironica de qualquer feliz mortal...

Dá-mos. Consente que eu os destrua.
Não ignoras quanto eram santos e pu-
ros os sentimentos, que me levaram a
traçar esses farrapos de prosa, em que
procurei sempre ficar as mais candidas
impressões da minha alma e sabes tam-
bem que nenhuma sombra de mácula ti-
nha ainda entenebrecido o nosso idílio
que tu, cedendo aos mais falsos précon-
ceitos, tão implacavelmente quizesse des-
truir.

Tais são os principais trechos da carta
de Alberto.

Não pode negar-se ter sido escrita ain-
da á luz intensa daquele affecto que ele
se obstina á proclamar morto, mas que
nós vemos gradualmente ir extinguindo-
se numa bruma tão triste que parece di-
luir-nos no espirito um vago perfume de
saudades...

LYSTER-FRANCO

Por esse Algarve

Juaqueira—Castro Marim

Comemorando o dia 31 de Janeiro de
1891, realismo-se na escola municipal desta
localidade uma brilhante festa patriótica, pri-
mamente pelo professor da mesma escola, sr.
Pereira de Lima.

Organizou-se um cortejo cívico percorren-
do a povoação e lugares próximos, com san-
tações patrióticas, entoando-se os himnos
«Patriótica, Marsellesa, Primeira de Dezen-
bro e Maria da Fonte». As alunas Rosa da
Conceição e Rita Custodia levaram as faixas
de seda com as cores nacionais e os dizeres:
—Escola Moral e Escola Oficial;—os alunos
Manuel Salvador, Flaviano Nunes e José
Martins, as bandeiras de seda das nações
aliadas e a nacional.

Na escola ornamentada com as cores das
nações aliadas, discursou o professor sucin-
tamente «os factos históricos» á cividade des-
de 31 de Janeiro de 1891 até 5 de Outubro
de 1910, sendo muito applaudido.

Depois realizou-se uma suntuosa abrinhan-
ta pelo grupo de guitarrista *Bela União*,
estando muito animada e dançando-se até
às 4 horas da manhã. Uma sereia per-
correu a povoação com delirantes ovações á
República e á Patria.

Na suntuosa estiveram entre outras pessoas
as sr.^{as} D. Barbara, Marius Salvador, D. Maria
Joquina, D. Maria Tereza, os vereadores da
Câmara Municipal de Castro Marim srs. Ni-
colau Paulo da Silva, João Rodrigues Rosa
e Joaquim Nunes que é o digno presidente
da Comissão Executiva e vereador da Ins-
trução; Comissão «Os Amigos da Escola»
e os srs. José Joaquim Lourenço, Antonio
Sabolas, João Nunes, Amílrio Nunes desta
localidade; Antonio Gomes, do Cabeço;
Manuel Vicente, do Monte Francisco, e mu-
ltas outras pessoas de Azilhal e S. Bartolo-
men, deste concelho. O professor offereceu
também aos alunos e um delicado copo de
água á tronpe de guitarristas que executou
com mestria diversos trechos de musica que
muito agradaram.

Foi uma festa encantadora que se reali-
sou aqui pela Segunda vez e agradavelmen-
te satisfaz a assistência.

Oitaram-se foguetes durante todo o fes-
tejo.

NECROLOGIA

No dia 3 deste mês realizou-se o funeral
da simpática menina Amelia da Soledade Nu-
nes de Faria, ex-aluna do Lyceu Central de
Faro, que faleceu devido a uma febre infe-
ciosa. Morreu com 18 anos de idade, em
S. Bartolomeu deste concelho. Natural de

Faro, era irmã do padre sr. Joaquim Ignacio
Nunes de Faria, Vigário de Ipaussu (Estado
de S. Paulo) Brazil, do sr. Luiz Vitoria de
Faria, empregado em Lisboa e da sr.^a D.
Maria da Gloria Nunes de Faria, profes-
sa official de S. Bartolomeu.

O enterro foi muito concorrido, pagando
as borlas do caixão os principais cavalhei-
ros de Castro Marim. Discursou á beira da
sepultura o professor sr. Pereira de Lima
cujas palavras fizeram derramar lagrimas
em todos que o ouviam.

Foram offerecidas á desdida menina duas
ricas coroas, uma pela mãe e irmãos, com
a seguinte dedicatória—A' nossa saudosa
Amelia, eterna saudade de sua mãe e irmãos
—e as onra pela sr.^a professora official da
Conceição, concelho de Tavira, com a se-
guiente dedicatória: A' minha querida Ame-
lia, um ultimo adeus da sua amiga Isaura
Palma.

Faleceu no dia 4 deste mês uma tie do
ilustre Presidente da Junta de Paroquia
da Freguesia de Castro Marim sr. Manuel
Quintino Nogueira da Silva.

Também foi sepultada no dia 11 des-
te mês no cemiterio de Castro Marim a sr.
D. Catarina Fernandes mãe da esposa do
sr. Joaquim Nunes, digno presidente da Co-
missão Executiva da Câmara Municipal de
Castro Marim. A's famílias dos falecidos
enviamos nossas condolências.

A GUERRA

Avant-guerra

Sobre este titulo recortamos do nosso
resado colega «A Ordem» de Lisboa:

O que foi a preparação alemã para a
guerra, evidencia em que a Europa se en-
contra envolvida, mostra-o a seguinte in-
formação transmittida para o nosso distin-
to colega do Porto *A Liberdade* pelo seu
ilustre correspondente em Lisboa.

«Um amigo meu, respeitabilissimo, que
tem propriedades no Algarve, contou-me
hoje coisas curiosas sobre a espionagem
em Portugal.

Quando um submarino alemão torpe-
deava um barco português aqui na nossa
costa, a intimação do submarino era dada
em português:

—Arreia os botes!

Os officiaes alemães falavam aos mari-
nheiros portugueses, dos barcos que iam
torpedear, em português e em português
com sotaque e terminologia algarvia.

Depois de a tripulação ter entrado pa-
ra os botes os alemães dão-lhe uma bus-
sola e dizem-lhes:

«—Vocês com este rumo vão aproar á
tal ponto.»

E esse ponto não era nenhum porto
importante. Eram encadinhas que nem
vem marcadas nas cartas.

Como conheciam os alemães dos sub-
marinos esses pontos da nossa costa?

Onde aprenderam eles a lingua portu-
guesa?

Sabem onde, quando e como?

Nas armações de atum do Algarve.

Ha officiaes dos submarinos alemães
que andaram tres e quatro annos contra-
dos nas armações de atum, em serviço
de *avant-guerra*.

NOTICIARIO

Acompanhada de sua filha e netas já re-
gressou a esta cidade a sr.^a Condessa de
Caba de Santa Maria.

Encontram-se em Lisboa mademoiselles
Gabriela e Maria Tereza Alexandre da

zão que tiver contribuido com quota para o
fundo especial de pensão, poderá goza-la
em sua vida ou legá-la, quando não utilize,
a pessoa ou pessoas de sua familia na linha
ascendente ou descendente.

Artigo 27.º—O socio pensionista indepen-
dente do capital e do consumo que provar,
não pode receber mais de dois por cento da
percentagem arbitrada para dividendo.

§ Unico—O remanescente dos lucros que
lhe couberem, reverterá para o fundo espe-
cial da sua pensão.

Artigo 28.º—O socio pensionista é obri-
gado a contribuir para o fundo especial da
pensão com uma quota semanal, não infe-
rior a 10 centavos.

Artigo 29.º—Os lucros acumulados do
fundo especial de pensão juntos ao capital
proveniente das quotas vencerão um juro de
4 por cento, que será capitalizado anual-
mente na conta do mesmo socio.

Artigo 30.º—Cada socio pensionista terá
um livrete no qual serão lançados o seu ca-
pital acumulado, dividendo anual e consumo
realizado.

Artigo 31.º—O socio pensionista que, du-
rante dez annos pelo menos, contribuir com
quota e acumular o dividendo respectivo no
livrete especial, terá direito, se provar im-
possibilidade de trabalhar ou de adquirir
meios de subsistencia, a uma pensão na ra-

ção de 8 por cento do capital acumulado
nessa data.

Artigo 32.º—O socio pensionista que du-
rante sua vida não utilizar da pensão, terá
direito a legá-la a pessoa ou pessoas de sua
familia que, independente do sexo, estejam
na linha ascendente ou descendente do seu
parentesco.

§ Unico—Para este effeito basta tão so-
mente que elle declare por escrito na coo-
perativa, a pessoa ou pessoas a quem con-
sidera seus herdeiros, os quaes por sua vez
provarão a respectivo parentesco.

Artigo 33.º—Os herdeiros do socio pen-
sionista falecido antes de ter atingido o di-
reito de pensão, podem liquidar o capital
acumulado pelo legatário, recebendo porém
em liquidação todo esse, descontado 10 por
cento da sua totalidade.

Artigo 34.º—Podem ser socios pensionis-
tas os menores com autorização provada de
seus pais, e as mulheres casadas igualmen-
te com autorização de seus maridos.

Artigo 35.º—80 por cento do capital ac-
cumulado pelo socio falecido sem herdeiros,
reverterá para o fundo de reserva da coo-
perativa e o resto para o fundo de pen-
sões.

Artigo 36.º—Quando o pensionista a favor
de quem for declarada a pensão, falecer an-
tes de começar a goza-la, reverterá esta
para os seus filhos em partes iguais irre-

A Elegante

Rodolfo Silva

LOULÉ

O sortido mais grandioso e completo em tecidos pretos e azules
para vestidos genero *tailleur*, encontra-se neste estabelecimento.

Exposições permanentes das ultimas criações da moda na secção
de tecidos de inverno.

Pêles, Doubles-Faces, Blusões, Casacos, Echarpes, Saídas
de Teatro, Baile, etc.

Endereçar pedidos de amostras que se enviam na volta do cor-
reio para todos os pontos da provincia.

Rodolfo Silva



Fonseca, gentis filha do nosso prezado ami-
go sr. José Alexandre da Fonseca.

Com curta demora estiveram em Loulé
na passada terça-feira os srs. João Par-
reira, Antonio J. Teixeira, Moreira Junior,
José Eusebio da Fonseca, Antonio Paula e
Mario Lyster Franco, alunos do liceu desta
cidade.

Foi nomeado juiz substituto da co-
marca de Faro o sr. dr. Manuel Pedro Guer-
reiro.

Já regressou a Lisboa o sr. dr. Tomaz
da Mata e Dias.

O sr. Antonio dos Reis Calapez, foi
nomeado ajudante do escrivão do primeiro
officio da comarca de Monchique.

Foi transferido para o lugar de distri-
buidor supranumerario do concelho de Faro
o sr. Manuel Candido de Almeida que exer-
cia identico lugar no concelho de Lagos.

Vimos em Faro o sr. dr. Frederico
Cortes, medico da armada.

Já regressou a esta cidade, mademoi-
selle Cristina Leitão, filha do sr. dr. Lucas
Leitão, juiz de direito desta comarca.

Encontra-se em Lisboa onde foi sub-
meter-se a segunda operação o nosso pre-
zado amigo sr. Francisco Nicolau Gaviari,
a quem desejamos completas melhoras.

Vai ser concluido o cemiterio de Algor.

Foi nomeado continuo da inspecção
distrital de Faro, o sr. Alvaro de Oliveira
Calvário.

O sr. Antonio Soares Barreto foi no-
meado substituto do juiz de direito de Vila
Real de Santo Antonio.

Foram nomeados juizes de paz em Al-
coutim, Castro Marim, Marim Longo e Estoi
respectivamente os srs. Pedro José Lippe,
Roberto da Fonseca, Agostinho Candeias e
José Nunes de Andrade.

Foi transferido da comarca de Arma-
mar para a de Vila Nova de Portimão o de-
legado sr. dr. Gilberto Magno de Beça Ara-
gão.

Com o completo apoio da Academia
das Sciencias de Portugal foi fundada pelo
Instituto Historico do Minho a ordem de
Frei Gonçalo Velho.

O engenheiro sr. Estevão Afonso foi
inumbido de examinar o estado da estru-
ta de Portalegre.

Por despacho ministerial foi deferido
o requerimento do capitão tenente engen-
heiro naval, sr. Alvaro de Carvalho Dann
e Lorenz, em que pedia a demissão de pre-
sidente da comissão de avaliação de navios
ex-alemães.

Carteira

Fazem anos:

Hoje, Domingo, 25.—D. Maria do Carmo Neves, D. El-
vira da Conceição Cordel, Manuel José Bonfante e Fran-
cisco Antonio Viagas.

Segunda-feira, 26.—D. Maria Amélia Samora Gil dos
Santos, O. Maria José de Almeida, D. Ana de Sousa Lo-
pos, José Rodrigues Fontinha, Innocencio Lucio Machado
e a menina Maria Josefa Marques.

Terça-feira, 27.—D. Maria Justa Palomo Pinto, D. Jo-
ana Rosado Correia, D. Elvira do Carmo Rechele, Eduardo
da Fonseca Siller de Sousa, e Manuel Alberto Leal.

Quarta-feira, 28.—D. Josefa de Chelwick Jodice Sa-
mora, D. Maria Augusta Pires Coelho, Antonio Francisco
de Brito, José João Chumbinho.

Quinta-feira, 1 de Março.—D. Leopoldina do Carmo Men-
des, O. Josefa Rodrigues Barreto, a menina Maria do Carmo
Liberdade de Pedralva, Andrade Otav Xavier, Jallão
Garcia, e José do Sousa Metral.

Sexta-feira, 2.—D. Maria Bernarda Guerreiro Feijão Ri-
ta e Manuel José Manias, José Antonio Olival.

Sabado, 3.—D. Maria dos Dóres Abaim de Azevedo Gu-
tiubio, D. Clara Siqueira Alencar Romero, D. Luiza de Almeida
Pereira, Francisco Xavier Moreira, e Antonio Augusto Ferreira.

Doentes:

As sr.^{as} D. Ana de Bivar Camano, D. Maria dos Dóres
Abreu Marques, D. Palmira Ruivo, D. Lourinda Bomba,
e esposa do nosso correligionario sr. Eucarnação Vieira
Junior; as senhoras Maria Pereira, e Sebastiana Ortiga;
os srs. Manuel José da Silva, José dos Reis Teixeira, An-
tonio Mendes Madeiro Junior, João Antonio da Cruz Beirão,
João Romero e o menino Luis Corvo.

Está felicemente mulher, o nosso prezado amigo sr. dr.
Manuel Pedro Guerreiro.

Neurologia:

Faleceram:
Em Faro, a sr.^a D. Ana Pires; em Loulé, a mãe de sr.
Manuel Neves; em Estoi, o sr. Francisco de Paula Hondon-
ga; em Albufeira, um filho do sr. José Botelho e em Afri-
ca o sr. João do Sacramento Cordeiro.

A's familias entaladas os nossos poremos.

Falta de espaço

A falta de espaço com que lutamos
obriga-nos a retirar varios artigos já com-
postos para este numero.

Registo Civil

Nascimentos, casamentos e obitos registados na Conso-
ratoria do Registo Civil do Faro, desde 16 a 23 do Fe-
breiro de 1917:

Nascimentos.....	26
Casamentos.....	4
Obitos.....	12

Moto F. N.

4 cilindros em bom es-
tado vendem Marques
& Vaz Velho Limitada
FARO

Enxofre Americano
a receber brevemente
Vendem Marques &
Vaz Velho Limitada
FARO

Alviçaras

Dão-se a quem entregar nesta
redacção um diamante que se per-
deu na Egreja da Sé, por occasião
da festa do passado domingo.

Senhora

Em casa particular recebe-se uma
senhora para ser tratada como pes-
soa de familia.
Dirigir-se a esta redacção.

Batata

Muito boa para semente, vende-
se qualquer quantidade a 900 reis
a arroba.
Pedidos a Carlos Gonçalves.
Castro Marim.

Estanho

Vende-se.
Garcia R.—R. do Ouro 274.
Lisboa.

Serras de Fita, Cravadeiras
e Balancés

Para fabricas de conserva, com-
pram-se usados:
Dirigir-se a José J. M. Adelino
Pereira.

Loulé.

Rapaz

Oferece-se, de 20 annos, com exa-
me de instrução primaria do 4.º
grau, para se ocupar em qualquer
serviço. Esteve 7 annos como aj-
dante de laboratorio e tem atesta-
do de bom comportamento.

Carta a Francisco Antonio Rosa
—Sitio dos Gorjões. Santa Barbara
de Nexe.

Cooperativa «Previdente»

Sociedade anonima de responsabilidade
limitada

Sede em Faro

—Estatutos—

4.º—Se o socio for pensionista, no livrete
de credito serão lançadas a importancias
dos seus fornecimentos a dinheiro ou a cre-
dito, e bem assim uelo será mencionada a
importancia do capital que constituir aqual-
mente o seu fundo especial de pensão.

Artigo 25.º—O socio que adquirir acções
pagas por meio de prestações semanais ou
mensais de 10 centavos ou de superior im-
portancia, como previamente declarar, não
poderá interromper o pagamento das mes-
mas, por mais de quatro semanas ou 2 me-
ses successivos.

§ Unico.—No caso de interrupção de que
trata este artigo, o socio será convidado ao
pagamento integral do seu debito por uma
só vez, e não o fazendo, deatto de oito dias,
ser-lhe-ha communicado que por esse facto fi-
cam suspensos todos os seus direitos até
resolução da assembleia geral.

—CAPITULO VI—

—Pensão—

Artigo 26.º—O socio masculino ou femi-

versos, que caducarão successivamente
conforme atingam a maior idade.

§ Unico—Se qualquer dos individuos de
que trata este artigo, for fisicamente incapaz
ou anormal, ser-lhe-ha mantida enquanto vi-
viro, a pensão ou parte a que tiver direi-
to.

Artigo 37.º—Perderem o direito á pensão
os pensionistas do sexo masculino que atin-
gam maior idade; e os do sexo feminino,
quando por mudança de estado, se provar
que tem meios de subsistencia.

Artigo 38.º—As pensões não são trans-
missiveis depois da morte do socio e cessam
com o falecimento do pensionista, salvo o
disposto no artigo 36.º a seu paragrafo.

Artigo 39.º—No caso de qualquer pensão
não ser reclamada depois de seis mezes,
reverterá a sua importancia a favor do fun-
do de pensões na proporção indicada no ar-
tigo 35.º.

Artigo 40.º—A pensão começará a con-
tar-se para o effeito do seu pagamento, des-
de o primeiro dia do mez em que o socio
falecer.

—CAPITULO VII—

—Lucros—

Artigo 41.º—No final de ano Civil proce-
der-se-ha ao balanço do activo e passivo,
devidamente as operações referir-se ao ultimo
dia do anno anterior, e os inventarios formu-
lados pelos preços de compra ou pelo valor

da occasião, caso se hajam depreciado ou te-
nha havido baixa sensivel no mercado.

Artigo 42.º—Os lucros ou encargos oão
referidos ou registados no balanço, serão
levadas á conta de ganhos e perdas.

Artigo 43.º—Os lucros da cooperativa
são constituidos pelo saldo da conta de gan-
hos e perdas, depois de encerrado o ba-
lanço, e segundó exacta deliberação da as-
sembleia geral, distribuidos pela maneira
seguinte:

20—por cento dos lucros liquidos para o
dividendo proporcional ao capital e ao con-
sumo, sendo a proporção de 3 para o ca-
pital e 4 para o consumo;

80—por cento para fundo da explora-
ção;

30—por cento para fundo de reserva.

§ Unico.—Quando o dividendo proporcio-
nal ao capital de cada socio exceder uma
percentagem de 8 por cento sobre este, se-
rá o remanescente destinado ao dividendo
proporcional ao consumo.

Artigo 44.º—Quando o fundo de reserva
exceder o valor da quinta parte do capital
social liquidado no fim do anno civil, confor-
me o disposto no artigo 191.º do Código
Comercial, será convertido em outros valo-
res do maior rendimento para a sociedade,
precedendo deliberação da assembleia geral,
e só poderá ser levantado quando as cir-
cunstancias o exigirem.

Continua.

C. SANTOS, LIMITADA

Lisboa—Rua Nova do Almada '80--2.^o

Telefone—n.º 695 telegramas—Boamenal

OILDAG—SUAS VANTAGENS

A economia obtida pelo emprego exclusivo do OILDAG, da mistura com óleo, nos motores de automotores é tão considerável, como afirmar, sem receio de exagerar, que a economia do óleo atinge, por vezes, 50 % do consumo primitivo.

Em motores de lubrificação automática, embora os fabricantes aconselhem a limpeza do motor depois de um determinado percurso não há recelo de griparagem fazendo-se com segurança depois de um percurso de trabalho de 1000 a 1500 kilometros.

Em motores cuja lubrificação é por

barbotagem a economia não sendo tão considerável atinge contudo entre 30 % e 40 %.

Todos os resultados obtidos com o OILDAG foram verificados em absoluto ao fim de 1000 a 1500 kilometros, mas é notável o aumento de compressão dentro dos cilindros e o menor consumo de gasolina ao fim de 100 kilometros economia este que atinge por vezes 15 %, a 20 % do consumo primitivo.

Experimentar o OILDAG é ouvir a todos os automobilistas a regra no seu próprio interesse, um pedido a título de experiência, que muito gostosamente satisfaremos.

VELAS "REFLEX,"

Estas velas são, pela sua especial fabricação, infalíveis, assegurando um trabalho constante mesmo em motores que, por vezes, queimam muita vela.

Elas próprias, e automaticamente se

limpam. As velas REFLEX têm por sobre qualquer outra, dobrada existência. São, por consequência, 50 % mais baratas.

Cada 1200

AUTOMOVEIS

MAXWELL

O motor de máxima potência. O verdadeiro carro utilitário. Para o passeio.

Toda a maquinaria, luzes e acessórios elétricos por dentro.

STUDEBAKER

O motor de torção por excelência. O rei das séries. O máximo conforto. Carro com todos os acessórios.

Pneus Michelin O melhor Sempre stok

KLAXONS, VITELAS, SINALISADORES E TUDO QUE POSSA INTERESSAR OS SEUS AUTOMOBILISTAS

Thermoid—Sempre em stock

LIVRARIA DAS NOVIDADES

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Ex-empregado da Livraria Popular

Livros em todos os generos, novos e usados

Depositar das primeiras casas de Lisboa, Porto e Coimbra

Faz as mesmas condições de venda que as proprias casas Editoras

LIVROS DE ENSINO

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Todos os livros proprios pelos preços de Lisboa

INSTRUÇÃO SECUNDARIA—Escolas normaes e liceus

Deposito de todas as publicações para os alunos destes cursos

Pede o catalogo dos livros oficialmente aprovados que é enviado gratuitamente

Literatura, poesia, teatro e sociologia

Todas as obras completas de Camões, Bocage, Garrett, Herculano, Castilho, Rebelo da Silva, Camilo Castelo Branco, Abel Botelho, Gomes de Amorim, Pinheiro Chagas, Sena Freitas, Fialho de Almeida, Gomes Leal, Oliveira Martins, Manuel d'Arriaga, Teófilo Braga, D. João da Camara, Campos Júnior, João Chagas, Julio Damas, Malheiro Dias, Julio Diniz, Candido de Figueiredo, Faustino da Fonseca, Alfredo Galis, Guerra Junqueiro, Alfredo Keil, Augusto de Lacerda, Lopes de Mendonça, Marcelino Mesquita, Conde de Arnoso, Conde de Monsaraz, Mario Monteiro, Ramalho, Ortigão, Bulhão Pato, Eça de Queiroz, Antero de Quental e Padre Antonio Vieira.

Edições completas dos escritores algarvios João Lucio e Ataíde de Oliveira e dos escritores estrangeiros Victor Hugo, Pierre Loti, Emilio Zola, Conan Doyle, Alexandre Dumas, Flamarion, La Fontaine, Maximo Gorki, Blasco Ibañez, Paulo de Kock, Kropotkin, Lamartine, Larousse, Stenkiemwicz, Tolstoi e Julio Verne.

Agente geral no Algarve das publicações da

RENASASCENSA PORTUGUESA

Figurinos, jornaes de modas e recortes

TODAS AS EDIÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Assinaturas para todos os jornaes romances nacionais e estrangeiros

Aviso importante

Ququer requisição dirigida a esta livraria será rapidamente atendida. Todas as pessoas que desejarem algum artigo desta casa, devem mandar a sua importância em valor de correio. Se não houver, as obras se livras que requisitam, serão enviadas imediatamente aos editores.

ALUGUER DE LIVROS

Todos os aluguéis deixam em depósito a importância do livro alugado. Quando o leitor tiver deixado 20 por cento, o recibo e o restante da importância que depositaram.

Façam todos os pedidos ao livreiro

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Livraria das Novidades

Rua da Marinha, 15

FARO

Francos de porte

A BRAZILEIRA

—DE—

JAYME A. BUZAGLO

Especialidade em café, leite, bolos, Bebidas nacionais e estrangeiras etc. etc.

RUA DE SANTO ANTONIO, N.º 10, 12 e 14

—FARO—

Recebem-se estudantes

Optimo alojamento com luz propria, excelente mesa.

Preços módicos

Rua Manuel de Arriaga n.º 19

(em frente do Liceu)

FARO

A ELEGANTE,

RODOLFO SILVA

Loulé

O estabelecimento cujo sortido primoroso das mais chics novidades se impõe a todas as pessoas de bom gosto.

Na volta do correio serão executados todos os pedidos que da rovincia sejam endereçados a

Rodolfo Silva—Loulé

Cooperativa

"a Previdente,"

Nesta Cooperativa compram-se 2 potes de folha que comportem 50 a 60 alqueires.

NOVIDADES LITERARIAS

Acabam de aparecer:

Recordações e Viagens

—2.ª edição, revista, por Antero de Figueiredo.

Um volume broch. 280, encadernado 1310.

Minha Terra

—Lenço de cantigas.—No Meu quintal—poemetes por Antonio Corrêa de Oliveira.

Historia de Portugal

A. Herculano

Setima edição definitiva e

ilustrada, em 8 volumes

Dirigida por

David Lopes

Saíram os volumes I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII

Preço do volume avulso... 380

Assinatura da obra completa 5300

«Historia de Portugal»—por Alexandre Herculano.—Setima edição definitiva conforme com a edição da vida do autor, dirigida por David Lopes, ornada de gravuras e mapas históricos, executados sobre documentos autenticos, sob a direcção de Pedro de Azevedo.

8 vol. broch. 7200.

RAMALHO ORTIGÃO

«Pela Terra Alheia»—Notas de viagem—Tomo II... 50 cent.

ANTONIO CORRÊA DE OLIVEIRA

«A Minha Terra»—Auto de Junho, 2.ª edição... 30 cent.

«A Minha Terra»—VII.—Os namorados—Poemeiro de Antonio Corrêa de Oliveira—Desenho de Antonio Carneiro.

«Literatura contemporânea»—Antero de Figueiredo.—por Fidelino de Figueiredo.—1 vol. 20 cent.

«Formulário ortográfico»—conforme o plano de regularização e simplificação da escrita portuguesa, extraído do Vocabulário ortográfico e remissivo de A. R. Gonçalves Viana—5 cent.

73, Rua Garrett, 75,

LISBOA

Livraria Bertrand

CASAS

Vendem-se, bom rendimento.

L. Pé da Cruz, tratar Cunha, Procurador.

FABRICA INDUSTRIAL L.º DE MATO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

DE

MANOEL CARVALHO

RUA DO PRADO, 100, LISBOA

—FARO—

Construção de peças Brilezianas—Vendem-se materiais para as mesmas

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubarias e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

Instrução Secundaria e Profissional

Livros escolares do professor

DR. RIBEIRO NOBRE

Tratado de Química Elemental (8.ª Edição). Um volume de 400

páginas no formato 22x15 cm com 132 gravuras. (PREÇO:—1350

Obra útil e recomendada a todos os que desejam instruir-se neste offício: as teorias químicas são metódicamente tratadas em separado com a máxima clareza e bastante desenvolvimento; a parte descriptiva é rica na indicação de experiências atrevidas e preparações de verdadeiro interesse; os problemas fundamentais de química elemental estão cuidadosamente tratados em secção especial acompanhados de modelos literais e exemplificações americanas da disposição dos edificios. Este compendio contém as matérias dos programas oficiais para o ensino de química em todos os institutos de instrução secundaria e profissional, e foi adaptado em seguida a uma primeira publicação em quasi todos os livros de química: ao Instituto Industrial, ao Commercial de Porto, e em diversas escolas comerciais, industriais, commerciaes, agricolas, sciencias, e ser o compendio preferido por dignos professores.

Lições de Física de curso geral das licenças e escolas normaes (13.ª Edição). Um volume de 396 páginas no formato 22x15 cm com 402 gravuras. PREÇO:—1340

Este compendio, dividido pedagogicamente em pequenas lições, foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario e apresentado ao concurso de 1899, e segundamente mandado adoptar em todas as licenças por Decreto de 17 de novembro publicado no Diario do Governo n.º 261 de mesmo anno. Foi novamente escolhido para o ensino no curso geral das licenças pelo Conselho official no concurso de 1909 (D. do G. n.º 192), e revalidada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 2 de junho. Cada lição é acompanhada de um questionario que submitta a presença de professor, e facilita a revisão das matérias estudadas. Além disto, também no fim de cada lição, em cuja matéria podem ter lugar applicações numericas, se encontram enunciados problemas muito facéis que notavelmente contribuem para a clara compreensão dos assentos da respectiva lição. O seu metodo essencialmente intuitivo experimenta o seu caracter elementarissimo, e este compendio possui particular vantagem para se adquirirem sem fadiga nem difficuldade as primeiras noções exatas da física, encontrando-se por isso adaptado não só ao curso geral das licenças e ao curso das escolas normaes, mas também ao ensino ministrado nos commerciaes, nas escolas elementares industriaes e nas de commercio e agricultura.

Tratado de Física Elemental (11.ª Edição). Um volume de IV: páginas no formato 22x15 cm com 752 gravuras PREÇO:—2700

Este excelente livro de Física foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentados ao concurso geral de 1895, e segundamente mandado adoptar em todos os licenças por Decreto de 26 de setembro, publicado no Diario do Governo n.º 218 do mesmo anno. Foi novamente o unico livro proposto para o ensino liceal complementar pela Comissão official no concurso de 1909 (D. do G. n.º 192) e revalidada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Esta edição está inteiramente accommodada a revisão geral do curso da Física nos licenças de harmonia com os programas da 6.ª e da 7.ª classe, contém as matérias das classes anteriores e termina com uma desenvoltura e metódica coleção de 277 problemas numericos abrangendo todos os assentos da Física acompanhados da indicação dos artigos da doutrina do texto a que se referem e das fórmulas empregadas nas suas soluções.

Estas obras, que tem sido preferidas em concursos officiaes de livros de ensino e que estão vulgarizadas em todas as escolas de Portugal e do Brazil, acompanham os progressos das sciencias fisico-químicas encontrando-se actualizadas com a inserção das doutrinas sobre as modernas e impontantissimas descobertas, tais como a da telureza das cores, da fotografia através dos corpos opacos ao raios X, das correntes de alta frequência, dos radiocondutores, da telegrafia sem fio e da radiotelegrafia. Os principios e doutrinas teoricas, as experiências demonstrativas, as applicações practicas e os problemas numericos, estão expostos por forma que imprimem a estes livros a sua caracteristica clareza e a moderna orientação pedagogica, tornando-os simultaneamente apropriados ao ensino pratico e teórico, e a do espirito dos trabalhos do laboratorio. São também livros úteis para os cursos escolares: o amador da telegrafia encontra os conhecimentos das reacções dos corpos e da electricidade indispensaveis a sua profissão; e todas as pessoas que desejam adquirir noções dos fundamentos da natureza encontram elementos que devem satisfazer as exigencias do seu espirito.

COIMBRA—Livraria Franca Amado, Rua Ferreira Borges, 115.

LIVROS: Publicam-se os tomos 64 e 65 da HISTORIA UNIVERSAL de Oncken, o mais completo e científico repositório da historia da humanidade.

Dirigir pedidos para assinatura a AILLAUD, ALVES & C.º—Livraria Aillaud e Bertrand, Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA.

JOÃO PEDRO DE SOUSA
ADVOCADO
Morada—Avenida Almirante
Reis, 92, 1.º, D.º
LISBOA

Carvão de Pedra

Para forja e para maquinas

Vende-se. Quem pretender dirija-se a Pedro Carlos Lopes Martins

R. do Prior 41—a 49—

Faro.

ALMANACH BERTRAND

PARA 1917

Está á venda este bem redigido Almanach, um dos mais apreciados de Portugal.

Preço: {Brochado—50 cent.

{Cartonado—60

{Marroquim—1.00

Livraria Bertrand

73, Rua Garrett, 75

Lisboa

"O Heraldo,"

Semanario Republicano Democrático, recebe publica e agradece todas as informações de interesse geral.